

“A gente é da vila, mas não é bandido!” O lugar e a juventude nas representações sociais dos jovens do bairro Guajuviras - Canoas/RS - Brasil

Nola Patrícia Gamalho¹ & Álvaro Luiz Heidrich²

¹ Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Email: nolagamalho@yahoo.com.br

² Doutor em Ciências (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo - USP. Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Email: alvaro.heidrich@ufrgs.br

Recebido em 01/2012. Aceito para publicação em 04/2012.

Versão online publicada em 17/11/2012 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

Resumo - O bairro Guajuviras, localizado no município de Canoas, região metropolitana de Porto Alegre (RS) é uma das paisagens do medo contemporâneas (TUAN, 2005). Nele, os indicadores de violência – associadas principalmente à juventude – corroboram para a produção de representações que homogeneízam os jovens e a periferia. Contudo, quem são esses jovens e como eles representam seus lugares? Em consonância com as representações hegemônicas? Busca-se, portanto, compreender as representações que os jovens do Guajuviras elaboram da sua juventude e do lugar. O caminho tomado para aceder a tais representações foi a realização de grupos focais – método de geração de dados em pesquisa qualitativa – na rede pública de ensino e na Casa da Juventude (Projeto do Pronasci). Potencializa-se, portanto, as narrativas dos jovens que se constituem no embate entre as representações de uma ordem distante e de uma ordem próxima (LEFEBVRE, 2000), a do vivido, da constituição cotidiana de significados e histórias.

Palavras-chave: Juventudes. Guajuviras. Grupo Focal. Representações Sociais. Segregação Urbana.

Introdução

Epidemia é o termo empregado por estudos recentes sobre taxas de homicídios, que atingiram 52,9 entre cada 100 mil jovens no Brasil, em 2008 (WAISELFISZ, 2011). Esses estudos referem-se, principalmente, aos jovens das regiões metropolitanas do país: as favelas, as periferias, as vilas. Contudo, ainda que o fenômeno tenha expressão espacial, sua representação por vezes é mais opressora, pois o rótulo de “lugares violentos” incide na vida dos habitantes desses espaços ocultando sua diversidade. São representações que criam os significados dos lugares e dos sujeitos externos a eles. Para refletir sobre isso, o objetivo desse artigo é reconhecer e compreender como são elaboradas as representações que os jovens do bairro Guajuviras constroem sobre juventude, juventude do bairro e o bairro. O recorte é bem específico e desafiador: as juventudes da periferia como atores/agentes que elaboram materialmente e simbolicamente o lugar em que vivem. Para tanto, utiliza-se a teoria das representações sociais (JOVCHELOVITCH, 2008), que considera o homem como resultado de suas experiências culturais, o que envolve a compreensão articulada entre materialidades, subjetividades e intersubjetividades. Dessa forma, esse ensaio visa trazer para o

debate algumas compreensões acerca dessa produção de significados por parte da juventude em relação a seu bairro.

A compreensão dessa relação permite considerar que a juventude, ou juventudes, tem expressão espacial e significa(m) o lugar a partir de sua(s) trajetória(s), de sua(s) prática(s) socioespaciais, das relações sociais. O conceito de juventude tem tido ampla discussão e é de grande importância também para a compreensão da produção do espaço, à medida que se reconhece a singularidade desse ator na paisagem das cidades. Enquanto conceito, deve ser incorporado em sua complexidade: como uma categoria da realidade social, cujos sujeitos vivem diferentes situações socioespaciais.

Os jovens da periferia constituem-se na relação entre as representações que os significam – associando-os como potencialmente infratores – e as representações que eles têm de si, constituindo assim a identidade sócio-territorial. O espaço é central na constituição desse sujeito, que incorpora seus elementos, como o reconhecimento e valorização da identidade da periferia. Embora as marcas nem sempre sejam explícitas, esses atores agem, transformam, criam territórios, geram e subvertem normatizações. Nesse universo elabora-se a produção de códigos, de linguagens de cultura jovem que têm sua materialização e campo

de ação na fragmentação da cidade. Fica evidente a necessidade de compreender como os jovens constituem suas experiências e significados da cidade e de seu bairro. Quem são esses atores? Eles com- põem uma singularidade com expressão espacial? Quais caminhos percorrer para tecer compreensões sobre um tema tão complexo?

Grupos focais - um percurso possível para a pesquisa em Geografia?

O contexto delineado é apenas uma parte da busca desse conhecimento. Ele nos projeta para a necessidade do aprofundamento. Porém, trata-se de jovens, sujeitos atores que não se querem ver sujeitados. Eles constituem solidariedades, são criadores de linguagens produtoras de um plano socioespacial próprio. São dinâmicas e percursos que solicitam o mergulho do pesquisador e transparecem a aventura que instiga a curiosidade.

Nessa aventura, o cotidiano de jovens da periferia é o primeiro desafio, mas quais percursos seriam mais apropriados para revelar as representações sociais elaboradas pela juventude, a singularidade e pluralidade da produção espacial – material e simbólica? A escolha pela pesquisa através do grupo focal localiza-se em uma estratégia de inserção em campo junto aos jovens do bairro Guajuviras, propiciando o encontro inicial com esses atores. Desses, alguns serão acompanhados mais longamente a partir da observação participante.

Grupo focal é uma técnica que se originou nos trabalhos com grupos, sua premissa inicial é a discussão de um tema proposto, como juventude e lugar. Assim, procede-se à reunião de um grupo - entre 6 e 12 participantes – que deverá ser conduzido por um mediador cuja função é instigar/provocar as discussões sobre os temas propostos. Alguns grupos focais são filmados, o áudio gravado e contam com observadores, que são os responsáveis pela descrição densa do evento, tais como posturas, olhares, tom de voz, etc.

Para esta pesquisa foram realizados 3 grupos focais, dois com alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Cônego José Leão Hartman e um na Casa da Juventude (projeto do Território da Paz – Pronasci). Os encontros ocorreram com jovens de ambos os sexos e com idade entre 15 e 22 anos. O primeiro foi realizado na escola, com 8 jovens do 1º ano do ensino médio – alunos de duas turmas da escola –; o segundo na Casa da Juventude, com 12 jovens – a maioria em vulnerabilidade social – e o

terceiro novamente na escola, com 6 jovens do 2º e 3º ano do ensino médio. O primeiro e o segundo grupo foram realizados com o auxílio de um observador que registrava suas percepções. O tempo médio de realização foi de 50 minutos.

A principal característica distintiva desse método é a possibilidade da interação entre os participantes, oportunizando a emergência de diferentes pontos de vista, que podem coincidir ou discordar. É relevante o que o ator pensa, como pensa e porque pensa dessa forma (CATTI, 2005). Assim, é essencial criar condições para que o grupo sintam-se a vontade para se expressar. O espaço deve ser adequado, deve propiciar contato visual entre os participantes e o mediador deve gerar condições favoráveis à participação de todos.

Como o trabalho é realizado com jovens da periferia, atravessados por discursos e estereótipos, os quais às vezes precisam combater, a confiança e o vínculo são essenciais à geração de um espaço apropriado para que os participantes possam se expressar. O pesquisador é sempre um estrangeiro, é alguém que não participa daquele cotidiano e que deverá trilhar sua própria transformação para, ainda que nunca deixe de ser definitivamente um estrangeiro, torne-se conhecido e confiável. Como os encontros ocorreram como uma estratégia inicial, não houve a constituição de relações que favorecessem a constituição de vínculos. Todavia, as distâncias entre pesquisadores e atores sociais foram mitigadas ao se explicitar as proximidades das trajetórias de vida¹.

Ainda assim, os silêncios e censuras estiveram presentes, devendo ser analisados na pesquisa, como o ocorrido no grupo focal junto aos jovens da Casa da Juventude, apresentado no fragmento do diário de campo feito sobre o evento:

A discussão não se desenvolveu e os olhares ora furtivos, ora inquietos, loucos para que aquela atividade encerrasse me inquietavam. O pensamento de que “isso não está funcionando” foi constante e a busca por soluções também. Busquei soluções nas próprias recomendações da metodologia, como pegar uma questão de um e fazer um gancho para os demais. Não funcionou e a tarde foi catastrófica, assim eu pensei naquele momento, encerrando tanto o meu suplício, quanto o deles. (Diário de Campo de Nola Gamalho, em 27/04/2012).

A primeira impressão foi de que a metodologia não havia funcionado. Talvez isso seja um

¹ Ambos os autores foram moradores do município: Álvaro Heidrich foi morador do bairro Harmonia e Nola Gamalho do Bairro Rio Branco. As trajetórias são próximas, como o estudo em escola pública e o primeiro emprego em uma rede de lanches rápidos, o McDonald's (Nola Gamalho).

pouco da arrogância na pesquisa, a frustração de que tudo sempre tem que ocorrer como o planejado. Desqualificar esse encontro seria um grande erro e, analisá-lo como possibilidade de compreensão desses jovens, um avanço. Ora, foi o segundo encontro com eles, que em sua maioria estão em condições de vulnerabilidade social. Assim, como querer que eles falassem de si, de sua vida, ainda mais de um tema tão abstrato e polêmico como a juventude? “O tempo das pessoas com quem queremos construir esse saber não é esse tempo dos resultados imediatos, isso é pesquisa qualitativa. Esses atores, protagonistas de nossas páginas devem sê-lo da forma mais respeitosa e libertária possível” (Diário de Campo de Nola Gamalho, em 27/04/2012). A utilização de instrumentos para geração de dados em campo não deve engessar a pesquisa, mas configurar como possibilidades de compreensão do fenômeno estudado.

O ponto de partida deve ser essencialmente o diálogo, dando visibilidade a vozes silenciadas, constituindo aqui espaços de enunciação. Tem-se, portanto, o testemunho desses atores, de forma que são eles os narradores de suas histórias (GIULLAUME, 1998).

Juventudes: a constituição de um ator geográfico

Os jovens vivenciam o espaço, transitam em suas ruas, frequentam suas escolas, encontram-se em suas praças e comércios, pelo uso apropriam-se do espaço, marcando-o, demarcando-o. O significam, ao mesmo tempo em que são significados por sua localização na cidade.

A definição de jovens, juventude, ou juventudes não é algo simples, tão pouco redutível a faixas etárias ou a simples questão de transição, constitui, de acordo com Bourdieu (1983), um dado biológico socialmente manipulável, que embora construída, incide na vida desses sujeitos, constituindo-os. Assim, segundo Pasini e Pontes (2007, p. 38) “juventude é uma posição social produzida e inserida nas disputas de poder e dominação típicas das relações entre as gerações”.

Abad (2003) contribui com a diferenciação entre condição e situação juvenil, sendo que a primeira estaria associada ao conjunto de representações constituídas pelas sociedades e a segunda pelas diferentes formas como a juventude é vivida. Assim, evidencia-se o impacto da externalidade na constituição desse ator, como na constituição de suas subjetividades, por outro lado, a força do lugar e do cotidiano na constituição desses atores. Partindo da perspectiva de Pasini e Pontes (2007) tem-se o reconhecimento de que os jovens vivenciam

situações que se diferenciam no tempo e no espaço, distintas conforme o contexto social, econômico, cultural, de gênero, etc. Decorre dessa perspectiva a posição de alguns autores em utilizar a categoria no plural, não o jovem, mas os jovens, não a juventude, mas as juventudes. Ora, o objetivo aqui é enredar essa diversidade, reconhecendo a(s) juventude(s) como sujeitos que vivenciam o gênero, o espaço, a classe, entre outros, de diferentes formas e, partindo dessa diversidade social, cultural e espacial, potencializa-los como narradores de suas histórias, pois

'as juventudes presentes' são atores desse momento histórico, atravessado por crises de ordem econômica, social e cultural. Nesse trânsito, os jovens transpõem as fronteiras do social e do cultural e só vivendo muito próximo deles e com eles poderemos enxergar as pistas dessa cartografia juvenil contemporânea. (BARBINI, 2007, p. 146)

Então, é o jovem um ator socioespacial? Para Di Méo (2007) ator é aquele que age reflexivamente, dispondo de competências, estratégias e discursos. O ator detém o poder da ação, em contraposição ao agente, considerado um ator menor. Nessa perspectiva, o jovem é um ator ou um agente? A condição de ator e agente não são posições fixas, mas estão em constante disputa. Ser ou estar agente ou ator corresponde às forças e estratégias envolvidas na produção do espaço, constituindo múltiplas e mutáveis formas e sentidos do espaço social. O jovem é potencialmente ator ou agente. A questão é o poder: esses sujeitos podem estar empoderados ou não. Contudo, esse ator menor tem suas ações nas práticas microbianas (DE CERTEAU, 2009), práticas daqueles que veem e percorrem a cidade na sua horizontalidade, (re)elaborando percursos, sentidos e significados. Assim, prepondera a posição de agente, o qual produz cotidianamente o espaço da ordem próxima, contudo, o embate é iminente, tendo em vista a participação da juventude em conflitos, como a participação dos jovens na “Primavera árabe”; na Espanha, o acampamento da Puerta del Sol; as revoltas juvenis em Paris (2005) e Londres (2011) – decorrentes do esfacelamento do Estado de bem-estar social- e os protestos por educação gratuita no Chile (2011-12).

Guajuviras: múltiplos eixos de força/atores na produção do lugar

Parte-se da concepção do espaço geográfico produzido na articulação de múltiplos atores (DI

MÉO, 2007), com intencionalidades que podem divergir e/ou convergir, em um constante embate da produção material e dos sentidos. Nessa perspectiva, o bairro é o local de atravessamento/transglossia (ORTIZ,1999) de processos/eixos de força associados a atores hegemônicos (transnacionais, Estado, Capital) e atores hegemônizados, os que produzem o espaço na reprodução da vida, no seu uso e apropriação (LEFEBVRE, 2008) e significação dos lugares. A produção do espaço,

tanto em sua materialidade, quanto em seus significados, dá-se na articulação da ordem próxima e distante, do espaço planejado e vivido (LEFEBVRE, 2000). A transglossia é essa diversidade de escalas de poder que se entrecruzam no plano do lugar, como no Guajuviras, (FIGURA 1) em que é proeminente essa articulação, imbricamento, sobreposição e subversão de múltiplos processos e atores na produção do bairro.

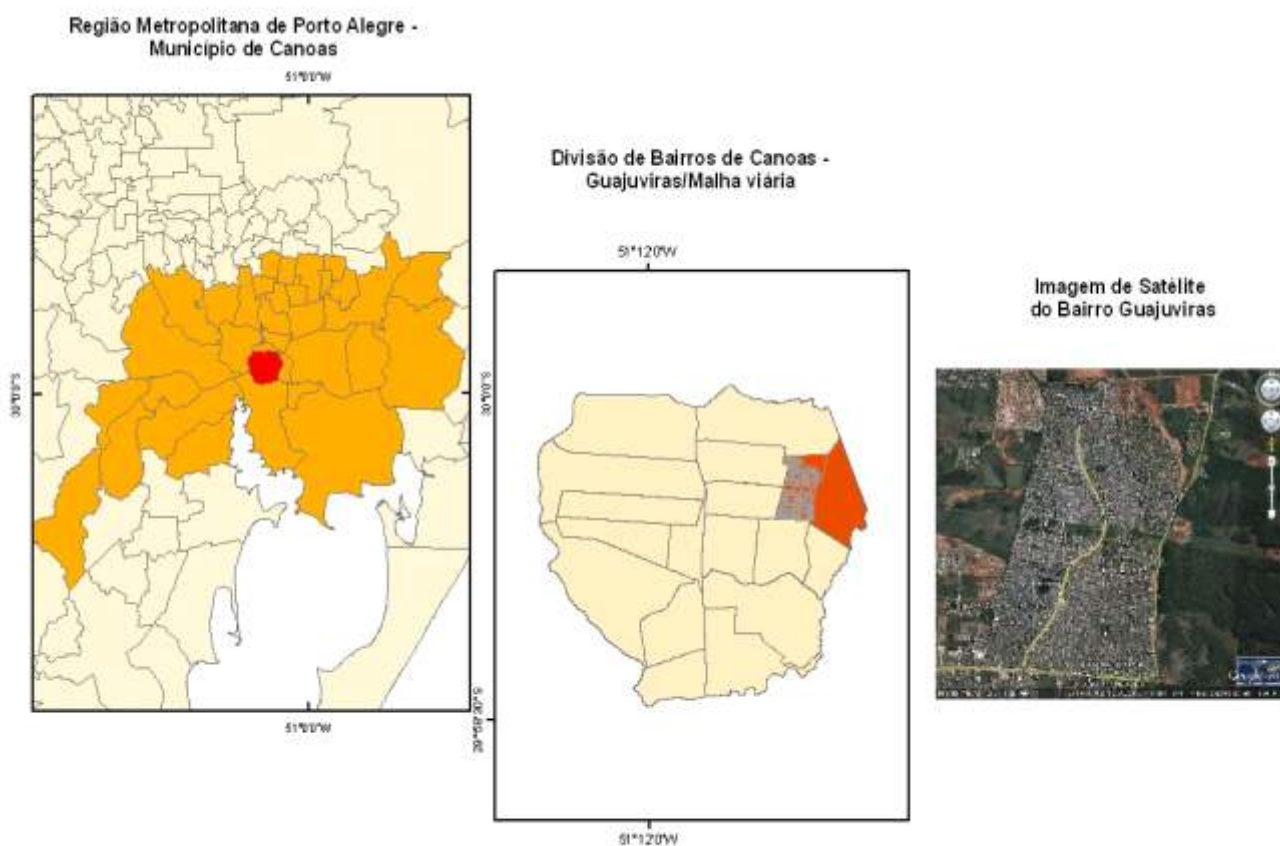


Figura 1 – O Bairro Guajuviras no contexto do município de Canoas e Região Metropolitana de Porto Alegre. Fonte: Base do IBGE (RS) e do Instituto Canoas XXI (Bairro e Viário) - Elaboração de Nola Gamalho, 2012

O Guajuviras tem sua origem na ocupação do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti – da Companhia de Habitação do Estado do Rio Grande do Sul (Cohab) – em 17 de abril de 1987. Posteriormente ocorreram outras ocupações em áreas verdes, produzindo no bairro novas fragmentações; reproduzindo diferenças e distâncias sociais no plano do bairro. Nele as contradições da “ordem” e da “desordem” se manifestam com maior visibilidade, na própria materialidade do lugar e nas práticas, que ora conformam com a ordem, ora criam outras ordens.

Impulsionado pela alta taxa de homicídios, a terceira maior do município - 77,2/100 mil habitantes (CANOAS, 2010) – e pela característica de bairro de encaixe socioespacial bem determinado, foi implantado no Guajuviras um dos Territórios

da Paz, recebendo investimentos do Pronasci (Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania), do Ministério da Justiça, com a implementação de políticas e ações para contenção da violência, – associada principalmente aos jovens –, como a instalação de câmeras de vigilância, detector de tiros, Casas de Juventude, entre outros. O Guajuviras se constitui nessa transglossia de múltiplas escritas, ora com predomínio de lógicas e normatizações associadas a ordem próxima, ao espaço vivido, ora a ordem distante, do espaço planejado.

“A gente é da vila, mas não é bandido”

Juventude(s) são abstrações que interrogadas, exigem uma retomada sobre a própria condição: como compreender, como representar essa

condição, que é mais vivida do que refletida? Para esses jovens, é mais fácil falar do lugar, cujos significados estão em embate, como sugere o subtítulo acima e que significam os sujeitos pelas distâncias sociais (BOURDIEU, 2007).

Como nosso objetivo inicial é identificar as representações e como elas são constituídas, partimos da perspectiva de Jovchelovitch (2008, p. 35), segundo a qual as representações

(...) não são um espelho do mundo 'lá fora' e não são unicamente construções mentais de sujeitos individuais. Elas implicam um trabalho simbólico que emerge das interações Eu, Outro e objeto mundo e, como tal, têm o poder de significar, de construir sentido, de criar realidade.

Construir o conhecimento sobre juventude envolve, por um lado, influências “de dentro”, as trocas, o contato com o outro, a vida cotidiana do lugar e, de outro lado, o que vem de fora, como os discursos e representações que dizem o que é ser jovem, vinculando a juventude ora ao consumo, ora a violência, transgressão e rebeldia. É desse atravessamento de forças que esses atores buscam constituir suas representações, criando, como afirma a autora, essas realidades. Assim, ao falar de sua juventude, esses atores a constituem por suas vivências, mas também do que é esperado deles.

No trabalho com os grupos focais, a juventude aparece por dois vieses, um associado às relações sociais, ao divertimento, bagunça e alegria e, por outro viés, como momento de amadurecimento, decisões e aprendizado. Assim, a juventude é representada como uma fase da vida em que coexistem as possibilidades de experimentações e decisões; em que o futuro é posto como incerto, dependendo da capacidade do ator em “progredir na vida”.

Jovem 1-A gente acha que pode tudo, mas é como a Fulana falou, a gente tem que pensar em cada decisão que a gente vai tomar, uma decisão que a gente toma hoje vai lá para vida de adulto. Como um curso que a gente decide fazer hoje ou decide não fazer, vai refletir num emprego que a gente vai ter ou não amanhã. É uma fase que a gente tem que ter muita responsabilidade, se não tiver responsabilidade, se tu não tiver responsabilidade tu vai pagar as tuas escolhas. A juventude é essa fase que a gente quer poder tudo. (Grupo focal 1- Alunos do 1º ano do Ensino Médio)

Os jovens integram às suas representações os discursos liberais, como o do jovem empreende-

dor. Ao mesmo tempo, combatem os discursos que associam espaços geográficos com juventude e violência. As narrativas não partem de um vazio, mas são “atravessadas por uma lógica imanente, por uma estrutura de referência que a organiza, a luz da qual ela toma um sentido” (GUILLAUME, 1998, p.9, tradução livre). Nessa produção coexistem as estruturas objetivas interiorizadas, ou seja, não são dissociados dos processos que incidem no lugar e nos sujeitos. O que não significa que esses atores somente incorporam as estruturas sem recriá-las. A frase “ser alguém na vida”, repetida algumas vezes nos grupos evidencia esse esforço para se enquadrar na sociedade, expressando o entendimento de que a identidade deve ser construída nos padrões sociais para, no futuro, ser alguém. Esse “ser” no futuro é, portanto, um devir que se elabora como criação, e não somente como recriação.

A distância social, resultado da cidade fragmentada, é também internalizada, mas não sem conflitos e recriações. Os jovens foram indagados sobre as diferenças entre as juventudes dos diferentes bairros da cidade, sendo o tópico que mais gerou discussão entre os grupos. O reconhecimento do espaço e dos atores a partir de elementos que os depreciam e seu combate foram evidentes:

Jovem 1 – é que todo mundo pensa que aqui é jovens mais bagunceiros, que tem muita pichação. Os jovens daqui são assim, mas nem todos são. Tem sempre um ou dois que gostam de pichar, estragar. Para quem mora no centro a gente é tipo maloqueiro, entendeu? Lá não tem muita coisa assim, eles são muito mais cheios do dinheiro do que a gente, são de classes diferentes.

Jovem 2 – Ninguém é menos que ninguém, a gente sabe que não é e que não tem que estar com a roupinha da hora. Por exemplo, ano passado a gente fez um passeio para o La Salle², a gente não precisa ir pra lá com a roupinha da hora, com roupinha de marca para ser respeitado lá. A gente sabe que não é menos que ninguém. A gente não quer provar, a gente não quer ser igual a eles, dizer: olha, eu sou de vila, mas não sou bandido. Então a gente sabe que não é menos que ninguém e não precisa provar isso. A gente tem que cuidar da gente, crescer e esquecer os outros. (Grupo focal 1- Alunos do 1º ano do ensino médio)

O reconhecimento do bairro na fragmentação da cidade é elaborado pela estrutura social na produção de bairros de alta renda e bairros de baixa renda. Contudo, esses jovens distinguem

²Escola privada de Ensino Básico e Superior, localizada no centro de Canoas-RS.

pobreza de violência, contrariando a associação entre ambos. Constroem, assim, o significado da “estabilidade” como a falta dos recursos financeiros que possibilitariam a aquisição de bens materiais e culturais, marcando a distância social desses jovens em relação às camadas de maior renda. Nessa perspectiva, o que difere essas juventudes é o acesso aos recursos, não sua capacidade, não sua situação familiar, tampouco posição territorial. Combatem a violência que aparenta ser exclusiva de seu bairro, reconhecendo-a como estrutural. Nesse percurso, o que há além da violência, das ausências e das carências, ou seja, a vida, a criatividade e a luta cotidiana desses moradores.

Jovem 9 – Eu digo estabilidade financeira, de como pagar um curso, de como pagar uma faculdade. É esse tipo de estabilidade que eu digo. Porque tu pode não ter estabilidade familiar em qualquer lugar, como tu pode ter em qualquer lugar. A gente mora no Guajuviras, lá no meio da vila onde as pessoas dizem: lá morrem tantos por dia, acontece tudo isso. As pessoas falam mal, mas nós que moramos aqui dentro sabemos que essa realidade não é só do Guajuviras. Que é na Matias, é na Rio Branco, é em qualquer lugar. A violência faz parte do mundo, não do Guajuviras.

Jovem 10 – Têm muitas outras partes, eles só querem botar toda a culpa do mundo em um só local. Se eles fossem inteligentes e olhassem tudo, veriam que não é fácil morar em uma vila, muitas vezes não é fácil. Jovem 11 – não é fácil pelas oportunidades. Jovem 10 – muitas coisas não chegam. (Grupo focal 3- alunos do 2º e 3º ano do ensino médio)

Os jovens identificam sobre si essas representações que associam o lugar como perigoso, e nesse sentido, precisam reelaborar essas representações, pois sabem que tanto a juventude, quanto os lugares são plurais. O olhar de si elabora-se na negação do olhar do outro: “Me perguntaram: já mataram uma pessoa no teu colégio. Eu disse: não, cara! Um amigo meu perguntou é verdade que levam metralhadora pro teu colégio? Diz: é do Cônego, é ladrão, não tem nada a ver”. (Grupo focal 1- alunos do 1º ano do ensino médio). As representações criam um senso comum que é estranho a quem vivencia esses espaços, pois ocultam a diversidade de experiências espaciais.

O bairro tem sua representação alicerçada no progresso e na produção social do mesmo. Desde sua origem, ocorreram múltiplas transformações, que são associadas em menor grau ao Estado, pois são reconhecidas como efetuadas pelos

próprios moradores. O bairro é percebido por seus equipamentos, como comércio e escolas, constituindo-se como um lugar autônomo com relação à cidade.

Cada lojinha de R\$ 1,99, cada Lan House, foi os moradores que construíram. Eu dou sempre o exemplo do Rocha³ lá, que aquele pessoal é fora de série. Aquilo ali começou, todo mundo lembra que tinha um mini-preço ali. O Rocha começou como um sacolãozinho, aí cresceu, eles compraram aquela parte ali. Aí depois (...). E é morador daqui, que cresceu, que começou pequenininho. Foi a gente que construiu aquilo ali. (Grupo focal 3- alunos do 2º e 3º ano do ensino médio)

O crescimento do lugar é atribuído aos habitantes que, na intrincada relação do morador com o lugar, crescem junto. O supermercado Rocha constituiu assim o exemplo: era pequeno, mas cresceu.

Considerações preliminares

Juventude, lugar/bairro surgem nesta pesquisa como temas e conceitos complexos. As indagações que impulsionam o mergulho da pesquisa são mais numerosas do que as certezas. No entanto, já é possível delinear alguns apontamentos. Revela-se ser de grande pertinência compreender o espaço a partir do ator e vice-versa, como um recurso de articulação entre a materialidade da vida e o sentido subjetivo que ela ganha e respalda práticas e atitudes. O espaço que se vive é aquele em que se vê entrelaçado na ação, por isso é também a ideia e as relações que ali se projetam.

Neste sentido, o espaço social da juventude do Guajuviras pode ser compreendido como um lugar diferenciado daqueles que estão em melhor posição geográfica e socioeconômica. Por vivenciarem a condição do jovem nessa materialidade, esses sujeitos guardam grande expectativa em relação às possibilidades de ocupação de seu tempo produtivo e, com isso, reconhecimento social. E, se o lugar (social e geográfico) que ocupam é periférico, suas falas dizem que o progresso e a ascensão estão vinculados a esse espaço mesmo, que depende do esforço deles mesmos, de suas vidas amalgamadas ao espaço. A inserção desses jovens na cidade dá-se pelo embate, já que precisam lutar contra os estereótipos, reelaborando as representações de si e do lugar. As representações estereotipadas colaboram para o desempoderamento desse sujeito, constituindo-o, nessa trama de relações, um ator menor, um agente das práticas microbianas,

³Supermercado local.

dos percursos cotidianos. Todavia, são exatamente a partir dessas práticas microbianas que se delineiam outras perspectivas de produção, interpretação e significação do espaço e da cidade.

Neste estudo trabalha-se mais especificamente um ator ainda pouco abordado na Geografia, embora sua expressão espacial venha despertando bastante interesse. Em especial, outros olhares sobre as juventudes das periferias são necessários e implicam profundidade crítica, para se evitarem os estereótipos que as vinculam sobremaneira à violência. Assim, a pesquisa precisa revelar o espaço também por suas próprias narrativas, as múltiplas vivências e sentidos do lugar.

Referências

- ABAD, Miguel. Crítica política das políticas de juventude. In: **Política públicas**: juventude em pauta. São Paulo: Cortez/ação Educativa, 2003.
- BARBIANI, Rosângela. Mapeando o discurso teórico latino-americano sobre juventude(s): a unidade na diversidade. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 138-153. Jan/jun. 2007. Disponível em: < >. Acesso em: jan. 2012.
- BOURDIEU, Pierre. A juventude não é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.112-121.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CANOAS. Gabinete de Gestão Integrada Municipal (GGI-M). **Relatório de pesquisa**: Estudo dos homicídios em Canoas (2009). Canoas, 2010. Disponível em: < <http://www2.forumseguranca.org.br/observatorio-de-seguranca-publica-de-canoas/lista/documentos>>. Acesso em: ago. 2012.
- CATTI, Bernadete Angelina. Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas. Brasília: Líber livro Editora, 2005.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 16ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- DI MÉO, G.; BULÉON, P. **L'espace social**. Lecture géographique des sociétés. Paris: Armand Colin, 2007.
- GUILLAUME, Jean-François. **Histoires de jeunes**: des identités em construction. Paris: L'Harmattan, 1998.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MAYOL, Pierre. O bairro. In.: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 2**: morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2011, p37-45
- _____. A convivência. In.: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 2**: morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 46-89.
- ORTIZ, Renato. **Um outro território**: ensaios sobre a mundialização. São Paulo: Olho d'água, 1999.
- PASINI, Elisiane; PONTES, João Paulo. **Jovens multiplicadoras de cidadania construindo outra história**. Porto Alegre: THEMIS, 2007.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 2ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- TUAN, Yi-Fu. Medo na cidade. In.: TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2005, p.531-280.
- WASELFSZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2011: os jovens no Brasil**. São Paulo: Instituto Sangari; Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2011.

“We’re from de slum, bur not bandits”. Place and youth in youngsters’s social representation at Guajuviras neighbourhood - Canoas/RS - Brazil

Abstract - Guajuviras neighborhood, located in Canoas, metropolitan region of Porto Alegre (RS) is one of these contemporary landscapes of fear (TUAN, 2005). Their indicators of violence – mainly associated with youth – contribute to produce representations that homogenize the youth of the suburbs. However, who are these young people and how they represent their places in line with the hegemonic representation? This work aims at understanding the representations that the young people of the Guajuviras neighborhood have of their youth as well as of their place. It was used focus groups (method of generating data in qualitative research) in order to rebuild the mentioned representations. The research was conducted in public schools and in the Youth House (Casa da Juventude – Projeto do Pronasci). It stands out the narratives that are based in the conflict of a distant order representation and of a close order representation (LEFEBVRE, 2000), that means of what was experienced as well as of the histories and meanings which were constructed on a daily basis.

Keywords: Youth. Guajuviras. Focus Groups. Social Representations. Urban Segregation.
